

O MITO DA VIAGEM EM *CONFISSÕES DE RALFO*
UMA AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA
THE MYTH OF THE HERO'S JOURNEY IN *CONFISSÕES DE RALFO*
UMA AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA

Luciane Figueiredo Pokulat¹

RESUMO: Este trabalho pretende analisar a trajetória do personagem Ralfo em *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária*, obra de estréia do escritor Sérgio Sant'Anna como romancista. Ralfo apresenta-se como personagem-escritor em busca da própria história, a qual planeja escrever. Analisa-se, nesta pesquisa, a história escrita por Ralfo como o percurso de uma viagem. O objetivo da análise é associar a peregrinação do personagem principal a uma odisséia e relacioná-la à estrutura mítica da aventura do herói. Para isso, será tomada como embasamento a teoria de Joseph Campbell, autor que descreve a aventura do herói em três partes distintas: o chamado, a iniciação e o retorno. Ao longo da pesquisa, objetivar-se-á apresentar a autobiografia escrita por Ralfo como uma atualização do mito da viagem, do viajante e da jornada do herói na tentativa de comprovar que os mitos se repetem ao longo dos tempos, adaptando-se a novos contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Confissões de Ralfo. Mito. Viagem. Herói. Sérgio Sant'Anna

Entendendo-se que o mito, na sociedade contemporânea, continua tão vivo quanto nas sociedades arcaicas, pretende-se por meio dessa análise literária investigar o mito da viagem e verificar como ele pode ser retomado pela literatura contemporânea. Para isso, a obra *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária* será tomada como objeto de análise, bem como os mitos da viagem, do viajante e da jornada do herói serão os arquétipos utilizados para a formulação da análise e compreensão acerca da atualização de mitos em uma produção ficcional da contemporaneidade.

O tema da viagem é bastante caro à literatura. Foi base para grandes epopéias e continua sendo o arquétipo para muitas narrativas. A viagem é um deslocamento, e esse deslocamento pode ser tanto entre lugares geográficos, como entre tempos imaginários, como entre o mundo interior e o mundo exterior, ou ainda entre presente e passado. Enfim, a noção do deslocamento pode ser construída no tempo e no espaço ou pode se dar apenas através do tempo como, por exemplo, na viagem interior. Da mesma forma, o viajante pode estar em busca de alguma coisa concreta existente no Universo ou em busca da própria identidade, do seu eu interior.

A obra *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária* é a estréia de Sérgio Sant'Anna como romancista. Foi publicada em 1975 estando inserida, portanto, no contexto

¹ Especialista em Literatura. Especialista em Leitura, Análise e Produção Textual. Mestranda em Letras PPG/URI - Campus de Frederico Westphalen. Professora do Colégio Agrícola de Frederico Westphalen – CAFW/UFSM (lufipo@bol.com.br)

autoritário e repressivo da ditadura da época. A obra se enquadra como um romance de ruptura - o avesso do romance-reportagem ou de memórias, comuns na década de 70. Nela, Ralfo, insatisfeito com o seu presente e duvidoso acerca de seu futuro, traveste-se de personagem e inicia a trajetória da “vida real de um homem imaginário ou da vida imaginária de um homem real” (SANT’ANNA, 1995, p. 6). Os fatos, na obra, não são apresentados de modo ordenado, com apenas um fio condutor, e sim por meio de uma interação de ações, personagens, linguagens e universos diversificados. O romance é constituído por Prólogo, Roteiro, nove pequenos livros subdivididos em trinta e dois episódios, Epílogo e Nota Final, sendo que no primeiro parágrafo do Prólogo está presente a idéia de necessidade do abandono do conhecido para partir em busca do desconhecido, sentimento típico do mito do viajante. Assim se inicia a obra:

Como todos aqueles que sofrem de uma inquietação crônica, um tipo de peste dentro da alma, que os impede de serem felizes ou de simplesmente desfrutar de uma tranqüila mediocridade, pensei um dia em exorcizar-me. Transcender a mim próprio através da “arte”. A oportunidade não só de gozar de uma efêmera glória imortal como de expulsar os morcegos que habitavam meu cérebro, talvez me libertando deles para sempre. Tornei-me, então, um escritor. Escrever um romance, cuja elaboração seria iniciada imediatamente. (SANT’ANNA, 1995, p.5)

Nesse parágrafo percebe-se a intenção da transformação, da transcendência através da arte, da metamorfose. O narrador traveste-se, então, de Ralfo - um personagem-escritor - o qual empreenderá uma trajetória, associada à idéia da viagem, por onde trilhará caminhos em busca de sua própria identidade, sofrendo as mais variadas aventuras em diferentes lugares. Intercalando os gêneros literários, o personagem-escritor narra essas aventuras em capítulos independentes denominados Livros, numa seqüência do Livro I ao Livro IX, os quais em conjunto formam sua autobiografia. Logo após o Prólogo e o Roteiro, antes de iniciar a narrativa dos nove pequenos livros a obra apresenta as três epígrafes a seguir:

“Eu queria fazer o pior filme do mundo.”

ANDY WARHOL

Em matéria de romance, “somente tem valor hoje, ao que tudo indica, aquilo que não é mais romance”.

T. S.

ELIOT

“Quanto a mim, ao contrário, quero escrever um super-romance, também com um superenredo, repleto de acontecimentos inverossímeis e pueris e onde fulgura um personagem principal, único e sufocante, a quem acontecem mil peripécias: eu.”

RALFO

As idéias contidas nas epígrafes dialogam entre si e Ralfo, por sua vez, deixa evidente o objetivo de sua empreitada em construir um romance, ou melhor, um super-romance, ao qual se dedicará em relatar acontecimentos inverossímeis em torno de um personagem a quem acontecem mil peripécias. A expressão mil peripécias remete à aventura, ao desbravamento do desconhecido e, portanto, à viagem e à peregrinação do viajante.

São várias as formas de apropriações do arquétipo da viagem pela arte literária. Mas o que é básico e permanece e, por isso, denominamos de mito, é o fato de que a viagem instaura para o viajante uma espécie de pausa na vida deste, provocando a separação do mundo conhecido desse viajante e colocando-o frente ao desconhecido, ao novo, à diversidade. Assim, “o contato com a cultura do outro obriga o viajante a tornar-se outro sem deixar de si mesmo, oportunizando a descida ao interior de si-próprio” (BERND, 2007, p. 673). Em relação ao mito do viajante, é ainda Bernd quem esclarece:

Dois grandes mitos estão associados à deambulação e à viagem: o de Ulisses (Odisseu) e o de Jasão. Se, de um lado, Ulisses simboliza o desejo da volta ao país natal e, por via de consequência denota os sentimentos de fidelidade à pátria, apego à família, sobretudo de uma grande nostalgia do passado, isto é, do tempo anterior às longas viagens, Jasão, ao contrário, corresponderia ao desejo da errância e da vagabundagem (BERND, 2007, p. 675).

Como se vê, para Ulisses o que importa é o retorno a casa, enquanto para Jasão o principal é a viagem em si mesma, é o percurso, a trajetória do viajante. Para Jasão, o importante é exorcizar os fantasmas do enraizamento e partir sempre em busca de outro lugar. Sob esta ótica, a figura da viagem pode ser vista de forma ambivalente, pois o deslocamento é o ponto principal. Não importam ao viajante nem exatamente a partida nem a chegada. Como seu desejo é o de se refazer e ele está em busca de si mesmo, suas respostas não estarão na partida ou na chegada, mas ao longo da travessia. No mito de Jasão fica evidenciada, assim, a opção pela movência e pelo nomadismo.

A partir disso, sugere-se que o personagem Ralfo, quando se propõe a escrever sua autobiografia imaginária, está em busca da movência, do deslocamento. Dessa forma, é na travessia que estará seu foco principal: a busca de si próprio, a descoberta de sua identidade.

Associa-se, então, o relato da autobiografia de Ralfo - o personagem-escritor – ao mito da viagem, pois ao longo da construção de sua autobiografia ele faz um percurso como se fosse a trajetória ou o deslocamento de um viajante. A noção de que os mitos da viagem e do viajante são atualizados pela obra contemporânea *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária*, de Sérgio Sant’Anna, comprova-se, também, a partir do Livro I da narrativa, intitulado “A Partida”, quando o deslocamento do personagem-escritor é anunciado da seguinte forma:

O primeiro passo é abandonar a cidade e qualquer vínculo com a existência anterior. Mais do que isso: apagar todos os traços desse passado. Compenetrar-me de que sou Ralfo, concebido do nada, com uma realidade física e mental de vinte e poucos anos de idade (SANT’ANNA, 1995, p. 13).

Na viagem iniciada por Ralfo, em busca dos próprios acontecimentos, após a esfuziante partida relatada no Livro I, o personagem encontrar-se-á em “Eldorado” – título do Livro II – local a ser tomado pelos guerrilheiros, os quais são comandados pelo personagem principal. Logo após a tomada do local, Ralfo é proclamado como o guia provisório de Eldorado e, posteriormente, baleado, durante um caloroso discurso ao seu povo. No entanto, inexplicavelmente, Ralfo ressurgue no Livro III, cujo título é “Intervalo, Delírios, etc.”, onde prossegue sua viagem, a qual gira agora em torno de um encontro com Rute, personagem com quem mantém um relacionamento amoroso. Finaliza essa etapa com um questionamento sobre a existência de Rute e sobre a existência do próprio narrador, numa espécie de diluição dos personagens.

A viagem do personagem em busca dos próprios acontecimentos toma o rumo para o Livro IV – “O Ciclo de Goddamn”. Goddamn é uma cidade grande, para onde Ralfo fora deportado a partir de uma decisão do governo de Eldorado, e na qual é obrigado a trabalhar para sobreviver. A próxima estação da viagem do personagem-escritor é o Livro V denominado “Delinqüências, Degringolagens e Deteriorações”, sendo que nesse capítulo é relatada a vida nas grandes cidades, incluindo interrogatórios policiais dos quais ele, Ralfo, é o acusado e cuja sentença constitui-se em deportá-lo novamente, desta vez, para terras espanholas, local onde um certo Dr. Silvana realiza pesquisas psiquiátricas com seres humanos.

No Livro VI – “D.D.D. 2: Documentos” – o leitor depara-se com fragmentos do diário de Madame X, uma psicopata, hóspede do Laboratório Existencial Dr. Silvana, local em que Ralfo ancora e de onde escreve para sua mãe contando sobre suas angústias. Esse livro encerra-se com

um relatório de uma comissão de psiquiatras que observam um baile de gala no Laboratório Dr. Silvana, evento que reuniu todos os loucos fantasiados cada qual à sua maneira e no qual Ralfo ousa fantasiar-se de si mesmo, papel que representa a própria loucura, provocando um verdadeiro caos entre os loucos internos e a comissão observadora. No Livro VII, denominado “Suicídios, Personagens” a viagem prossegue com a descrição de Ralfo percorrendo uma grande ponte, perseguido pela idéia do suicídio, hipotetizando que o suicida faz uma viagem que não termina nunca. Ao vencer a ponte e cruzar a fronteira, Ralfo apresenta os novos personagens de sua narrativa, com os quais irá interagir. Surgem, agora, Alice e Pancho Sança como se comprova no trecho abaixo:

Pancho Sança, ao contrário de seu quase homônimo, era magro. Uma longa temporada de estômago vazio, com toda a certeza. Um desses imigrantes clandestinos que atravessam a fronteira da Espanha para a França. Mas não menos sábio do que o famoso Sancho. E até mais eficiente, em certo sentido.

[...]

Agora éramos três, embora Alice tomasse parte apenas passiva na sociedade, desde que resolvera, aos quinze anos, tornar-se uma *dama*. Pequenos furtos era nosso ramo. Ou melhor, especialistas em subsistência. Mas nunca seríamos profissionais. Amadores, no melhor sentido da palavra. Amávamos nossa atividade. (SANT’ANNA, 1995, p.186).

Sant’Anna, ao criar Ralfo, cria também para ele um enredo - o qual está sendo analisado como o percurso de uma viagem e associado ao mito da viagem e do viajante. No trecho acima, verifica-se mais um episódio dessa viagem e nele está explícito o diálogo com outras narrativas bastante conhecidas, evidenciando-se a presença da intertextualidade, do dialogismo e da paródia – características típicas de obras carnavalizadas. Ralfo interage nesse capítulo com Alice e Pancho, mas esses, assim como os personagens dos demais capítulos, também desaparecem ao final do episódio, restando, novamente, apenas Ralfo.

Após suas peripécias, ao perceber-se só e ainda sem encontrar sua identidade, Ralfo resolve procurar uma profissão, na qual ele entende que não é preciso ter uma única identidade: o teatro. Escreve então o “Au Théâtre” – Livro VIII – o próximo passo de sua odisséia. Nele apresenta-se como personagem do gênero dramático, tendo, portanto, a oportunidade de assumir várias identidades por intermédio dos personagens que representa. Porém, também essas máscaras, dores, sorrisos, gargalhadas, gritos são varridos ao final do espetáculo, encerrando-se mais um capítulo da intensa peregrinação em busca de uma identidade.

Finalmente no Livro IX, o herói apresenta o último recurso na intensa viagem em busca de si mesmo. Essa última peregrinação intitula-se “Literatura” e nesse capítulo será relatada a cena do julgamento do livro escrito por Ralfo. A sua autobiografia, composta por fragmentos selecionados de sua existência, é analisada pela Comissão Internacional da Literatura e sua obra é julgada e reprovada pelos Ministros da Literatura devido ao estilo e ao conteúdo literário. A autobiografia de Ralfo sofre, então, a sentença de que deve ser rasgada em pedacinhos. A narrativa termina com o aniquilamento da obra autobiográfica pelo próprio autor, pois Ralfo, num ímpeto, joga o romance para o alto e, quando seus escritos caem ao chão, desorganiza-se a obra original, misturando os personagens, enredos, espaços e tempos dos capítulos, formando uma nova obra, totalmente desconexa. Os capítulos são juntados pelos guardas - pois devem obedecer à sentença de rasgar a obra - e recompostos, formando uma nova trajetória da odisséia de Ralfo. Por fim, a platéia, presente no julgamento, rasga em pedacinhos a autobiografia do personagem-escritor, o que provoca em Ralfo uma grande sensação de alívio. Essa passagem é melhor entendida nas palavras do próprio personagem:

E finalmente havia eu, Ralfo, subitamente livre, não mais impelido a cumprir ritos, discursos e representações; cada vez mais livre à medida que me rasgavam em pedacinhos junto com meu livro. Eu, Ralfo, de repente esquecido de todos e me esgueirando para fora do recinto, não sem antes observar os ministros que se transformavam em morcegos e também escapuliam do salão – esvoaçando, cegos, a esbarrarem nas colunas e paredes e a emitirem horríveis guinchos desprovidos de significado (SANT’ANNA, 2005, p. 242).

Terminam assim as peripécias de Ralfo e, devido às inúmeras e complexas aventuras relatadas, entende-se que ocorreu, na narrativa, a reatualização dos mitos da viagem e do viajante. Como se sabe, o arquétipo da viagem usado pela literatura, às vezes tem a função de representar a fundamentação para a formação do ser. Então, a trajetória percorrida e relatada por Ralfo em forma de autobiografia, pode ser entendida como uma viagem ao interior de si mesmo em busca de sua identidade, e esta busca se dará por meio de uma viagem imaginária, concretizada na voz do personagem-escritor. Ao longo da narrativa, Ralfo apresenta-se como “Ralfo, o louco”; “Eu, Ralfo decadente de Ulisses”; “O mago”; “Magnífico”, “Conde”, etc., estabelecendo um diálogo explícito com denominações dadas a heróis clássicos numa clara evidência de falta de identidade própria, mas também de carnavalização da obra.

Por outro lado, além dos mitos da viagem e do viajante, vê-se reproduzida, também, na obra de Sant'Anna, a atualização do mito da jornada do herói. A expressão 'jornada do herói' foi cunhada pelo escritor e professor norte-americano Joseph Campbell em seu livro *O Herói de Mil Faces* (2007) ao constatar essas semelhanças estruturais entre os mitos de culturas distintas. Como define Campbell, o personagem do herói tem características diferentes e correspondentes a cada cultura, mas a sua peregrinação, a sua trajetória, a sua jornada na trama é, basicamente, a mesma e se estruturaria em etapas bem definidas, embora não necessariamente rígidas. Normalmente a jornada do herói se constitui de uma aventura que pode ser tanto real como imaginária, obedecendo ao mesmo roteiro: o herói vive num mundo estável e recebe um chamado para partir e trilhar outro mundo, hostil e estranho. Desencadeia-se, então, uma série de ações da narrativa e, nessa jornada ao extraordinário, o herói terá de enfrentar provas e desafios num embate de vida e morte, morrer e ressuscitar, retornando ao mundo transformado, trazendo algo novo, como se fosse um prêmio. O herói, por desejar algo, se aventura e passa por sucessivas rupturas e deslocamentos. O mito da jornada do herói, segundo Campbell, divide-se em três partes distintas: A Partida; A Iniciação; O Retorno. Em relação ao primeiro momento ele assim se posiciona:

(...) Mas, pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau da vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração – um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar (CAMPBELL, 2007, p. 61).

Entende-se, então, que a atualização do mito da jornada do herói na obra contemporânea *Confissões de Ralfo*, pode ser vista já no Livro I, intitulado “A partida”, quando o personagem-escritor Ralfo - ora personagem, ora narrador, ora personagem-escritor, ora narrador-escritor – apresenta-se da seguinte forma:

Saio para a rua neste meu primeiro dia de existência ativa como Ralfo. Roupas novas, cabelos cortados, carregando uma pequena mala com meus poucos pertences, e uma vaga noção de para onde ir (SANT'ANNA, 1995, p.13).

Está evidenciada na passagem a idéia da busca, do “estar à mercê” dos novos acontecimentos, da disponibilidade para o afastamento e para a aventura – elementos típicos do

mito do viajante, mas também da jornada do herói. Ralfo, em sua partida, apenas tem uma vaga noção de para onde ir e iniciará seu caminho na estação de trem. Parte o herói em busca da verdade, das mudanças, descortinando o mundo cotidiano das aparências. Ralfo não tem destino, simplesmente caminha sem rumo, à procura de aventuras, como um Dom Quixote às avessas, conforme ele mesmo sugere: “Ralfo, o homem sem pai e sem pátria. Cavaleiro andante de boas e péssimas intenções. Felizmente, nos tempos atuais, não são necessários cavalos ou armaduras e muito menos escudeiros” (SANT’ANNA, 1995, p. 13). Porém, deve-se atentar para o fato de que, diferentemente das intenções do herói clássico, o qual parte em busca de novas conquistas e causas nobres, o personagem Ralfo anuncia previamente, como se comprova na passagem anterior, não saber para onde ir, e que o leitor não espere dele ações tão nobres como as do herói clássico. Portanto, o mito da jornada do herói é reatualizado na obra de Sant’Anna, em forma de paródia, numa clara demonstração da carnavalização da obra - característica muito comum em outros textos contemporâneos.

No primeiro momento do mito da jornada do herói, Ralfo chama a si mesmo para a aventura: escrever uma autobiografia imaginária. Aceita o desafio e parte para a batalha, cumprindo-se a primeira parte do mito denominada por Campbell de ‘A partida’. O segundo momento da jornada do herói - ‘A Iniciação’ - é assim descrito pelo autor:

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosos (CAMPBELL, 2007, p. 102).

As mil peripécias que Ralfo inventa para si mesmo correspondem a essa segunda parte do mito da jornada do herói. Nesse momento, o herói enfrenta as provas que foram surgindo ao longo das aventuras por ele inventadas e narradas. Para Campbell, ou o herói as derrota, ou faz um acordo ou é derrotado por elas. No caso de Ralfo em sua trajetória, todas as possibilidades acontecem, pois ora ele faz acordo com as provas, convivendo com as mesmas, ora ele as derrota, assim como, em alguns momentos ele é destruído por elas. Ralfo desdobra-se em várias imagens, em seres fragmentados, vazios, sem bagagem ou destino, desempenhando, ao longo da narrativa, vários papéis. É como se Ralfo vivesse uma espécie de odisséia, uma viagem em busca de uma referência, uma identidade ou algo que preenchesse o vazio que mostra sentir. Ora no papel de escritor, ora como revolucionário, artista, louco, cidadão comum ou show-man, Ralfo parte em

busca de fatos memoráveis, reais ou imaginários para relatá-los em sua obra ficcional, sendo que a conclusão desta parece ser, inicialmente, o objetivo de sua caminhada, como ele próprio diz “Porque sou Ralfo, o personagem, à procura de seus acontecimentos” (SANT’ANNA, 1995, p. 13).

Nessa viagem, Ralfo desaparece em um capítulo para ressurgir em outro, mas permanece ao longo da narrativa caminhando sempre em frente, vivendo sempre uma nova experiência relatada em um novo capítulo da obra, viajando pelo tempo e pelo espaço, sem muita pressa, ou destino, passando pelas provas que a ele se apresentam. A cada capítulo de sua autobiografia imaginária são criados novos personagens e um novo espaço, aos quais Ralfo tem de se adaptar. Na atualização do mito da jornada do herói, entende-se que as provas às quais Ralfo é submetido e pelas quais deve passar para completar a jornada, consistem no encontro com as várias facetas de sua identidade, com os seus vários eus, com as inúmeras máscaras que compõem o homem de seu tempo, sendo que esse homem, representado por Ralfo, precisa encará-las a fim de encontrar-se a si mesmo.

Por fim, Campbell, em sua teoria, descreve a terceira e última parte do mito a que ele chama de ‘O Retorno’, segundo a qual:

Terminada a busca do herói, por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Outro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos.

Mas essa responsabilidade tem sido objeto de freqüente recusa. [...] (CAMPBELL, 2007, p. 195).

Nessa etapa o herói pode retornar com as bênçãos do emissário ou recusar-se a retornar, ou se não for esse o caso, o herói ainda empreenderá uma fuga e será perseguido. De qualquer forma o retorno permite o regresso, a ressurreição, a transformação. Em *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária* essa etapa se cumpre quando no Livro IX, Ralfo tem sua autobiografia reprovada pela Comissão Internacional de Literatura e sua obra é completamente rasgada em pedacinhos pelo público presente. O Retorno se dá por meio do personagem anunciando uma grande sensação de alívio ao ser aniquilado pelo público que acompanhava o julgamento de sua obra.

Os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos porque se referem sempre a uma criação e procuram contar como algo surgiu ou como uma instituição ou padrão de comportamento foram estabelecidos. Graças à repetição contínua de um gesto paradigmático, algo se revela como fixo e duradouro no fluxo universal. Para Eliade (2006, p.125), por causa da repetição periódica de algo que foi feito em outro tempo, obtém-se a certeza de que esse algo existe de uma maneira absoluta, tornando-se, por isso, sagrado, transumano e transmundano, passando a ser parte integrante da vida humana.

Porém, não se entenda aqui que o mito leva o homem a viver em torno de uma eterna repetição da mesma coisa, ficando imobilizado culturalmente. Na verdade, os mitos incitam o homem a criar, abrindo possibilidades para o espírito inventivo deste. Por causa da existência do mito, o homem sente-se seguro em suas ações, pois apenas irá repetir o que já foi feito, afastando-se da dúvida quanto aos resultados de seu empreendimento. Dessa forma, os mitos irão recordar eventos grandiosos acontecidos sobre a Terra e mostrar que esse passado glorioso pode ser recuperável. Ao reviver um mito, o homem transcende seus limites, situando-se ao lado dos deuses e dos heróis míticos, em um sinal evidente de que, de forma direta ou indireta, o mito eleva o homem. Assim, por meio da análise dos mitos da viagem, do viajante e da aventura do herói na obra *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária* comprovou-se que o mito subsiste na sociedade e no romance contemporâneo. E subsiste porque, sendo a primeira forma sistemática da narrativa, o mito é necessário para a existência social, pois é parte constitutiva do ser humano.

ABSTRACT: This essay intends to analyze the trajectory of Ralfo, a character in Sergio Sant'Anna's Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária. Ralfo introduces himself as a writer-character in search of his own history, which he plans to write. The story written by Ralfo is analyzed as a hero's journey: it is the goal of this study to associate the main character's dislocation to the structure of the hero's mythic journey. Joseph Campbell's description of the mythical hero journey as comprising the call, the initiation and the return underlies this work. Ralfo's autobiography writing is described as an actualization of this mythic journey so as to prove that myths reappear along the time, and are adapted to the novel contexts in which they are inserted.

KEYWORDS: Confissões de Ralfo. Myth. Trip. Hero. Sérgio Sant'Anna.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

CAMPBELL, Joseph. A aventura do herói. In: *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

MACHADO, Janete Gaspar. *Os romances brasileiros nos anos 70 – fragmentação social e estética*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

MIRANDA, Iraildes Dantas de. *A carnavalização em Confissões de Ralfo (Uma autobiografia imaginária)*. Revista Ciência e Cultura, n. 24, FCSCA 03, Curitiba nov. 2001, p. 119-136.

SANT'ANNA, Sérgio. *Confissões de Ralfo Uma autobiografia imaginária*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.